

Universidade Evangélica de Goiás - UniEVANGÉLICA  
Curso de Medicina

Anna Carollina Barbosa Gomes

Geovana Machado Silva

Mariana de Oliveira Caixeta

Rafael Lugli Mantovani Perini

Ruy Abdalla Soares

**A IMPLEMENTAÇÃO DA CURRICULARIZAÇÃO DA EXTENSÃO EM CURSO DE  
MEDICINA EM UNIVERSIDADE PARTICULAR DO ESTADO DE GOIÁS**

Anápolis, Goiás

2024

Universidade Evangélica de Goiás - UniEVANGÉLICA

Curso de Medicina

**A IMPLEMENTAÇÃO DA CURRICULARIZAÇÃO DA EXTENSÃO EM CURSO DE  
MEDICINA DE UNIVERSIDADE PARTICULAR DO ESTADO DE GOIÁS**

Trabalho de curso apresentado à  
Iniciação Científica do curso de  
Medicina da Universidade Evangélica  
de Goiás - UniEVANGÉLICA, sob a  
coorientação da Profa. Dra. Luciana  
Caetano Fernandes e orientação do  
Prof. Dr. Higor Chagas Cardoso.

Anápolis, Goiás

2024

**ENTREGA DA VERSÃO FINAL  
DO TRABALHO DE CURSO  
PARECER FAVORÁVEL DO ORIENTADOR**

**À Coordenação de Iniciação Científica Faculdade da Medicina – UniEvangélica**

Eu, Prof Orientador Higor Chagas Cardoso venho, respeitosamente, informar a essa Coordenação, que os acadêmicos Anna Carollina Barbosa Gomes, Geovana Machado Silva, Mariana de Oliveira Caixeta, Rafael Lugli Mantovani Perini e Ruy Abdalla Soares estão com a versão final do trabalho intitulado A IMPLEMENTAÇÃO DA CURRICULARIZAÇÃO DA EXTENSÃO EM CURSO DE MEDICINA DE UNIVERSIDADE PARTICULAR DO ESTADO DE GOIÁS pronta para ser entregue a esta coordenação.

Declara-se ciência quanto a publicação do referido trabalho, no Repositório Institucional da UniEVANGÉLICA.

**Observações:**

Parecer: Trabalho aprovado.

---

---

---

Anápolis, 11 de novembro de 2024.



**Professor(a) Orientador(a)**

Dr. Higor Chagas Cardoso  
Angiologia e Cirurgia Vascular  
CRM GO 13139 / RQE 10417

## RESUMO

As atividades de extensão universitária são essenciais para uma formação holística e comunitária. A Lei nº 13.005/2014 exige que 10% dos créditos de graduação sejam em extensão, conforme a Resolução nº 7/2018 do MEC, mas estudos sobre seus impactos e benefícios ainda são limitados. Assim, este estudo objetiva avaliar a implementação da curricularização da extensão sob a ótica de docentes e discentes de uma universidade particular do estado de Goiás, realizado através de atividades denominadas "semanas integrativas". Para isso, foi desenvolvido um estudo observacional, transversal, de abordagem quantitativa, por meio da aplicação de Instrumento para coleta de dados aos estudantes do 2º ao 5º períodos e aos docentes do 1º ao 4º períodos curso de Medicina da Universidade Evangélica de Goiás – UniEVANGÉLICA. Este estudo, com 266 participantes (59 docentes e 207 discentes), analisou perfis sociodemográficos e percepção sobre a semana integrativa. A maioria dos docentes era composta por mulheres de 51-60 anos, com formação em saúde e 6-10 anos de experiência docente, enquanto entre os discentes predominavam mulheres de 18-22 anos. Tanto discentes quanto docentes consideram que a semana integrativa atende ao conceito de extensão universitária e que ela contribui para a formação socialmente comprometida de médicos. A maioria acredita na inclusão da extensão no currículo e apontou desafios na execução da semana integrativa. O estudo mostrou diversidade de gênero, idade e formação, com predominância feminina e visões variadas sobre extensão universitária. Apesar da complexidade na execução da semana integrativa, a percepção foi positiva, indicando melhorias futuras na formação médica.

**Palavras-chave:** Avaliação Curricular das Faculdades de Medicina. Currículo. Educação Médica. Modelos Educacionais.

## **ABSTRACT**

The university extension activities are essential for holistic and community-based education. Law No. 13,005/2014 requires that 10% of undergraduate credits be in extension, according to Resolution No. 7/2018 of the Ministry of Education, but studies on its impacts and benefits are still limited. Thus, this objective study evaluates the implementation of the extension curricularization from the perspective of professors and students of a private university in the state of Goiás, carried out through activities called "integrative weeks". For this, an observational, cross-sectional study with a quantitative approach was developed, through the application of questionnaires to students from the 2nd to 5th periods and to professors from the 1st to 4th periods of the medical course at the Evangelical University of Goiás - UniEVANGÉLICA. This study, with 266 participants (59 professors and 207 students), analyzed sociodemographic profiles and perceptions about an integrative week. Most of the faculty members were women aged 51-60, with a background in health and 6-10 years of teaching experience, while the majority of students were women aged 18-22. Both students and faculty members plan for an integrative week to be part of the concept of university extension and to contribute to the socially committed training of physicians. Most believe in the inclusion of extension in the curriculum and in the challenges identified in implementing the integrative week. The study showed diversity in gender, age and education, with a predominance of women and varied views on university extension. Despite the complex activities in implementing the integrative week, the perception was positive, reducing future improvements in medical training.

**Keywords:** Curricular Assessment of Medical Schools. Curriculum. Medical Education. Educational Models.

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO .....</b>	<b>7</b>
<b>2. REVISÃO DE LITERATURA.....</b>	<b>9</b>
2.1. Evolução da educação médica.....	9
2.2. Novo profissional almejado .....	10
2.3. Extensão universitária.....	11
2.4. Possíveis caminhos para a curricularização da extensão universitária.....	12
2.5. Impactos da curricularização da extensão universitária.....	14
2.6 A implementação da extensão no currículo do curso de Medicina da Universidade Evangélica de Goiás.....	15
<b>3. OBJETIVOS.....</b>	<b>18</b>
3.1 Objetivo geral.....	18
3.2 Objetivos específicos.....	18
<b>4. METODOLOGIA.....</b>	<b>19</b>
4.1. Tipo de estudo.....	19
4.2. População e amostra do estudo.....	19
Figura 1. Fluxograma: Abordagem Metodológica para Estudo de População.....	19
4.3. Coleta de dados.....	19
4.4. Análise de dados.....	20
4.5. Aspectos éticos.....	20
<b>5. RESULTADOS .....</b>	<b>21</b>
<b>6. DISCUSSÃO.....</b>	<b>31</b>
<b>7. CONCLUSÃO.....</b>	<b>35</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>36</b>
<b>APÊNDICE.....</b>	<b>40</b>
A – Instrumento para coleta de dados Discentes.....	40
B – Instrumento para coleta de dados Docentes.....	43
<b>ANEXO.....</b>	<b>47</b>
A – Parecer favorável do CEP.....	47

## 1. INTRODUÇÃO

A extensão universitária é uma das funções essenciais da universidade e foi a última a surgir, depois do ensino e da pesquisa. Ela se baseia na relação transformadora entre a universidade e a sociedade, envolvendo atividades e projetos que irão contribuir para o desenvolvimento da sociedade, nos âmbitos cultural, econômico, político e ambiental das comunidades e regiões onde a universidade está localizada (SANTANA et al., 2021). No entanto, as atividades de extensão não têm sido adequadamente contempladas pelas faculdades, seja pelo seu surgimento recente, seja pela dificuldade de realizar ações extra universitárias ou por incluir demandas de informação de um público heterogêneo, difuso e amplo (PAULA, 2013).

Nas faculdades de Medicina, a extensão universitária é de suma importância, pois promove a aproximação dos estudantes com a realidade e necessidades da população, possibilitando o desenvolvimento de uma formação mais ampla, crítica e humana. Em atividades, como projetos de intervenção em comunidades carentes, grupos de educação em saúde, campanhas de prevenção, os alunos têm a oportunidade de lidar com a diversidade cultural e social e compreender os desafios enfrentados pelo sistema de saúde (REIS *et al.*, 2022).

O Plano Nacional de Educação com vigência de 2014 a 2024, instituído pela Lei nº 13.005/2014, inovou a forma como a extensão é tratada pelos currículos dos cursos de graduação das instituições de ensino superior (IES) brasileiras. Em sua meta nº 12, estratégia nº 17, ficou determinada a seguinte obrigatoriedade de assegurar, no mínimo, o cumprimento de 10% do total de créditos curriculares exigidos para a graduação em programas e projetos de extensão universitária, com enfoque prioritário em áreas de grande pertinência social (BRASIL, 2014).

Essa determinação legal foi, então, regulamentada pela Resolução nº 7/2018, da Câmara de Educação Superior do Conselho Nacional de Educação, do Ministério da Educação (MEC), que estabeleceu as diretrizes para a extensão na educação superior brasileira. Esse diploma normativo, em seu art. 3º, dispõe que a extensão na Educação Superior Brasileira (ESB) é uma ação que faz parte da matriz curricular e diz respeito à organização da pesquisa, sendo modalidade interdisciplinar, político-educacional, cultural, científica e tecnológica, com a finalidade de gerar interconexão entre instituições de ensino superior e demais setores da sociedade, por meio de produção e aplicação de conhecimento (ROZIN; FORTE, 2021).

Ficou estipulado, ainda, pelo art. 19, da resolução nº 7/2018, do MEC, o prazo de até 3 (três) anos, a contar da data da sua homologação, para que as instituições de ensino superior implementem as diretrizes nela impostas (BRASIL, 2018). Portanto, o término desse período deu-se no final do ano de 2021, razão por que, atualmente, as IES já deveriam ter elaborado a forma pela qual visam cumprir essas exigências ao ministrarem seus cursos de graduação.

Por conseguinte, observa-se uma escassez significativa de estudos que forneçam diretrizes práticas e claras para a implementação dessas atividades. Essa lacuna na literatura científica tem gerado desafios para as universidades, que muitas vezes carecem de exemplos ou modelos de sucesso para orientar suas ações integrativas no currículo acadêmico.

Nesse contexto, o presente trabalho assume grande relevância ao se propor avaliar a implementação de ações integrativas no curso de Medicina de uma universidade particular do estado de Goiás. A análise dessa experiência específica não apenas forneceu subsídios práticos para a instituição estudada, mas também contribuiu de forma significativa para o corpo de conhecimento acadêmico, oferecendo insights e possíveis diretrizes que possam ser replicados ou adaptados por outras faculdades de Medicina no Brasil. Assim, a pesquisa se justifica pela sua capacidade de preencher uma lacuna crítica na literatura e apoiar o desenvolvimento de um ensino médico mais integrado e conectado à realidade social.

## 2. REVISÃO DE LITERATURA

### 2.1. Evolução da educação médica

A educação médica no Brasil teve seu início em 1808 com vinda da Família Real, que trouxe um ensino superior formado pelo sistema português de universidade, utilizando a fé cristã como fundamento, marcado com a abertura da Escola de Medicina e Cirurgia no Hospital Militar da Bahia e com a Escola Cirúrgica do Rio de Janeiro (MACHADO; WUO; HEINZLE, 2018).

Uma alteração na forma de ensino aconteceu em 1889 com a República e com a implementação do ensino seguindo o modelo francês de cátedras isoladas, laico e estatal. Nesse contexto, em 1962 foi elaborado pelo Conselho Federal de Educação o primeiro Plano Nacional de Educação (PNE) que visava somente a organização orçamentária para os três níveis de ensino. O modelo de ensino foi proposto posteriormente pela Reforma Universitária em 1968, baseado em ensino e pesquisa. No entanto, essa forma de ensino era voltada para conhecimentos isolados, de cunho profissionalizante e longe da pesquisa (IMPERATORE; PEDDE, 2015).

Por décadas, uma característica marcante da educação superior brasileira, incluindo o ensino médico, foi seu papel econômico como fundamento da política desenvolvimentista da época e a realização da transmissão do conhecimento se dava pelo uso do saber para o exercício do poder. Porém, influenciada pelos movimentos sociais nos anos de 1950 e 1960, a forma de ensino passou a apoiar o compromisso social (SILVA *et al.*, 2021).

Já o Segundo PNE estava de acordo com a nova forma de desenvolvimento e implementação social redistributiva, levando ao aumento de vagas e instituições de ensino. Essa mudança gerou uma alteração da distribuição das instituições, regional e nacional; com a redefinição da relação entre formação-pesquisa-inovação e o papel da Extensão (BRASIL, Lei 10.172/2001).

No que diz respeito ao padrão de ensino tradicional o aprendizado era centrado na atividade de transmissão de conhecimentos vertical, do docente para o discente, em um papel passivo, favorecendo a uma formação deficiente do docente na prática da extensão, a desvalorização do fazer extensionista na carreira, da remuneração e do currículo dos docentes (IMPERATORE; PEDDE, 2015; OLIVEIRA, 2023).

Hoje, com a curricularização da extensão e a indissociabilidade do ensino e da pesquisa (BRASIL, 2018) a educação baseia-se na formação integral, com a adição de diversos atores (o estudante, o professor e a comunidade) e expande os espaços de aprendizagem, para além sala de aula (OLIVEIRA, 2023). Desse modo, a formação curricular de médicos está baseada nas necessidades da comunidade e com o envolvimento direto dos estudantes nos cenários reais de atuação médica, privilegiando o Sistema Único de Saúde (SUS) (PEREIRA, 2019).

## **2.2. Novo profissional almejado**

Nas últimas décadas, a Medicina tem evoluído bastante com a globalização, explosão de conhecimentos e desenvolvimentos tecnológicos, proporcionando enormes avanços em prevenção, diagnóstico e tratamento de doenças. Entretanto, apesar de estarmos na melhor época dos serviços de saúde, há escassez de profissionais de saúde humanizados, aqueles que são amigos, confiáveis e que nos consolam. É cada vez mais frequente um distanciamento maior entre o profissional e o paciente (SIMÕES *et al.*, 2007).

Tem-se observado o aumento da discussão acerca da humanização dos profissionais de saúde. Humanizar é a inclusão das diferenças nos processos de gestão e de cuidado, valorizando todos que fazem parte do processo: pacientes, trabalhadores e gestores. E para acontecer isso, a transformação começa com a ruptura do ensino de graduação em saúde pautado em somente procedimentos técnicos e de evolução dos quadros clínicos para uma educação por meio de práticas cuidadoras, com inovação e centrada no diálogo com o paciente e a equipe, para criar relações necessárias entre saúde e educação (BRASIL, 2010; BARBOSA *et al.*, 2013).

Devido a esse atual desejo de um profissional ético, reflexivo e humanista, percebe-se que as escolas médicas, através de adaptações curriculares e novos métodos de ensino, estão buscando proporcionar ao estudante um ambiente em que se desenvolva o pensamento crítico e a compressão de aspectos éticos, culturais, sociais, comportamentais, psicológicos e legais do processo saúde-doença (MACHADO; WUO; HEINZLE, 2018).

Portanto, a fim de formar médicos mais competentes para a sociedade, a formação profissional no ambiente acadêmico deveria se aproximar da realidade social e considerar as demandas dos serviços, constituindo vínculos humanísticos e consistentes com a sociedade. É importante desenvolver habilidades relacionadas à prática médica geral e voltada para todos

os níveis de atenção, como também para o entendimento da dimensão individual e coletiva do cuidado em saúde (AYRES *et al.*, 2013).

### **2.3. Extensão universitária**

A extensão universitária refere-se a uma formação estudantil voltada para as demandas sociais, políticas, econômicas e culturais da sociedade, a fim de construir um profissional capacitado e integrado com a conjuntura atual de seu país (IMPERATORE; PEDDE, 2015).

Durante muitos anos a extensão universitária foi vista como atividades extracurriculares em universidades e sem tanta importância, mas, com o movimento estudantil brasileiro, influenciado pelo Manifesto de Córdoba (1918), um marco importante no desenvolvimento conceitual deste processo extensionista, houve o fortalecimento da valorização da extensão e seu compromisso com os problemas nacionais (OLIVEIRA, 2023).

Sabe-se que a curricularização da extensão ainda enfrenta entraves, como a mercadorização da educação, o academicismo e o autoritarismo da universidade, que não prepara o aluno para ter uma relação com seu paciente de forma horizontal, mas sim perpetua uma hierarquia social, na qual o profissional é o detentor do conhecimento, afastando-o deste convívio. Consequentemente os profissionais atuais, ao invés de se formarem para contribuir com a comunidade de alguma forma, estão voltados para o egocentrismo, em que não se percebe este isolamento entre educação e realidade ou a perspectiva interdisciplinar para a resolução de problemáticas (IMPERATORE; PEDDE, 2015)

Este novo método busca retirar o discente de um papel passivo e submisso para ser formador de conhecimento, a partir de experiências, diálogos, tendo um processo formativo integral, com outros espaços de aprendizagem e um tripé como base disto: o estudante, o professor e a população (MAGALHÃES; MARTA, 2020).

Há diferentes empresas e organizações não governamentais (ONGs) que trabalham com projetos extensionistas, como doações e campanhas. Todavia, a extensão, uma vez integrada à grade curricular acadêmica, apresenta diferenças em relação às ações extensionistas realizadas de forma extracurricular, uma vez que, além da intenção de ajudar a comunidade, possui o objetivo de construir conhecimentos e ensino durante a realização das atividades (AYRES, 2015).

Essas ações são muito relevantes para os estudantes de saúde, já que propiciam um maior envolvimento dos acadêmicos com as dinâmicas das comunidades. Os estudantes são beneficiados em sua formação como profissionais médicos, tendo uma articulação efetiva e um conhecimento alicerçado no tripé supracitado. Isso já ocorre em algumas universidades, em que a disciplina Saúde Coletiva se baseia na ida à Atenção Primária à Saúde (APS) para o convívio com a realidade e o desenvolvimento de ações que melhorem e transformem aquele espaço, proporcionando ao acadêmico um cuidado de forma integral (FRIESTINO *et al.*, 2018; SANTOS, 2005).

A extensão produz uma interação por meio da prestação de serviços, em que há a realização de atividades que solucionem as necessidades da comunidade, podendo ser cursos, equipamentos ou uma obra artística, os quais demonstram um compromisso social, que desestabiliza os padrões hegemônicos e relações verticais (CANO, 2015). Ao mesmo tempo, a comunidade deixa de ser passiva perante os conhecimentos da faculdade e passa a ser crítica e formadora de novos modos de organização e cidadania, o que retrata uma multidisciplinaridade e estreitamento de laços entre o ensino superior e a população (JEZINE, 2004).

Essa interação entre a extensão médica e a comunidade, hoje é vista como um benefício para ambos e tem contribuído para o equilíbrio entre pesquisa, ensino e extensão, os quais geram uma universidade completa e comprometida com seu papel social de transformar cidadãos para o bem da sociedade (DALBOSCO, 2015). Portanto, essas atividades culturais presentes na universidade não devem ser vistas apenas como formas de erudição, mas sim de entender as diferentes manifestações da cultura de outras localidades e, assim, desenvolver um entendimento multidimensional sobre as problemáticas existentes e a longitudinalidade do cuidado.

#### **2.4. Possíveis caminhos para a curricularização da extensão universitária**

O PNE 2014-2024 sustenta uma visão mais popular e emancipatória do que seu antecessor (2001-2010), por enfatizar que os créditos de extensão devem ser cumpridos prioritariamente em "áreas de grande pertinência social", expressão que não constava do PNE 2001-2010, que apenas se referia a "ações extensionistas", de modo amplo (GADOTTI, 2017). Dessa forma, pode-se dizer que os desafios atuais para o cumprimento do PNE referem-se à superação da visão academicista da universidade, a fim de que ela consiga sair

de seus limites e atingir a sociedade (GADOTTI, 2017). Nesse sentido, é fundamental ter em mente que a extensão universitária guarda em si o potencial de gerar transformações sociais, assim como de influenciar a vida das pessoas que com ela entrem em contato. Uma pessoa sem o hábito da leitura, por exemplo, pode tornar-se uma leitora apaixonada, por meio de encontros em projeto de extensão que tenham esse escopo (AMOR DIVINO *et al.*, 2013).

Com base nas necessidades sociais, há várias oportunidades para cumprir as exigências do Plano Nacional de Educação (PNE) 2014-2024. Para isso, gestores e responsáveis pela implementação do PNE devem estar atentos às necessidades da comunidade em que a instituição de ensino está inserida. Em busca na literatura, foram identificados três diferentes modelos adotados por instituições de ensino, os quais foram descritos a seguir.

Alguns dos modelos que tradicionalmente já eram utilizados para a realização de projetos de extensão de forma extracurricular poderão ser aproveitados pelas universidades para o cumprimento da exigência do mínimo de créditos curriculares. A Universidade Federal de Uberlândia (UFU), por exemplo, ao criar sua política de extensão, por meio da resolução nº 25/2019, de seu Conselho Universitário, mencionou, no art. 3º, quais modalidades de extensão serão admitidas, quais sejam: programa; projeto; curso/oficina; evento e prestação de serviço (UFU, 2019).

A implementação de novas práticas educacionais requer uma visão inovadora do processo educativo, destacando a importância de envolver alunos e professores. Um exemplo é a Universidade Estadual do Rio Grande do Norte (UERN), que realizou consultas públicas para esses grupos via formulário online. A UERN também desenvolveu um manual para a inserção da extensão no currículo dos cursos de graduação, sugerindo a criação de "Unidades Curriculares de Extensão" (UCEs), que são flexíveis e adaptadas às demandas sociais. Essas unidades são avaliadas por conceitos em vez de notas, e a frequência é baseada em atividades que comprovem a atuação dos alunos em suas comunidades. (RIBEIRO; DE FREITAS MENDES; SILVA, 2018).

Por fim, também é possível o caminho em que a instituição de ensino projeta e implementa, por conta própria, as atividades das quais os alunos deverão participar a fim de cumprirem seus deveres curriculares. É o que se observa, por exemplo, no curso de Medicina da Universidade de Pernambuco (UPE), no *campus* de Garanhuns, em que os estudantes tiveram que participar de ações com a finalidade de melhorar o bem-estar de idosas internadas

em uma Instituição de Longa Permanência (ILP). Nesse caso, os acadêmicos foram divididos em grupos de 12 (doze) integrantes, os quais faziam visitas semanais à ILP, sob supervisão de um professor. Os estudantes que participaram dessas atividades relataram que tiveram diversas conquistas, dentre as quais destacam-se a consecução de uma visão nova a respeito do envelhecimento, a melhora na capacidade de conversa com outras pessoas e na realização de trabalhos em equipe e o desenvolvimento de sensibilidade para lidar com idosos (ALMEIDA; BARBOSA, 2020).

## **2.5. Impactos da curricularização da extensão universitária**

Em relação às novas Diretrizes Curriculares Nacionais (DCN), a extensão universitária é um processo interdisciplinar, educativo, cultural, científico e político que integra a Universidade a outros setores sociais (RIOS E CAPUTO, 2019). Dessa forma, o graduado em Medicina, terá formação geral, humanista, crítica, reflexiva e ética, construindo durante a vida acadêmica um compromisso com a saúde integral do ser humano, sempre aplicando o conhecimento à aplicação na realidade. Contudo, as DCNs dos cursos da área da saúde, apesar de preconizar a atuação multiprofissional, interdisciplinar e transdisciplinar a fim de melhorar as ações voltadas à promoção da saúde baseada na convicção científica, na cidadania e na ética, na prática, o modelo de formação dos/das trabalhadores/as ainda se distancia das verdadeiras demandas da população (MACHADO; WUO e HEINZLE, 2018).

Analisando a integração aplicada a realidade feita pela faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo, entre Cultura e Extensão Universitária, duas dimensões são fundamentais quando relacionadas atividades de extensão em Medicina, em particular àquelas designadas por programas ou projetos comunitários: a primeira seria a experiência de alteridade e os aprendizados e reconstruções que nascem dele, uma vez que o acadêmico ultrapassa as barreiras das velhas práticas de ensino e encontram na prática a possibilidade de promover saúde, prevenir agravos, reabilitação nos aspectos físicos, emocionais e sociais. A segunda dimensão, decorrente da anterior, é a abertura a novas possibilidades de produção de conhecimento (AYRES, 2015).

Em paralelo com esse pensamento, em uma outra perspectiva de nomenclaturas, cinco dimensões seriam as principais afetadas nesse processo de inserção curricular de extensão: dimensão conceitual, pedagógica, institucional, organizacional e epistemológica. A primeira diz respeito sobre a atribuição de compromisso social da instituição. Em relação à

pedagógica é relativa à ultrapassagem do ensino superior tradicional que distanciava o ensino da extensão e da pesquisa e, atualmente denotando caráter educativo a esses últimos, modificando o conceito rígido de currículo, para uma participação concomitante de três atores no processo de extensão universitária: o estudante, o professor e a comunidade (PEREIRA, 2020; BERTOLLO, 2021).

A dimensão institucional aborda sobre o papel da universidade ante a sociedade, enquanto que a organizacional envolve modificações na forma de organização e gestão da instituição de ensino superior. A esfera epistemológica por fim, se refere a transgressão da forma de construção do conhecimento antigo (OLIVEIRA, 2023).

Desse modo, é possível reconhecer também a curricularização da extensão como possibilidade de provocar criatividade e autonomia do discente a partir das realidades vivenciadas nas comunidades; ferramenta potente de ressignificação do ser e fazer docente e a compressão da distinção existente entre extensão universitária e curricularização da extensão, que não necessariamente, implicam uma com a outra (CARDOSO, 2021).

Concomitantemente a essa conclusão, a experiência da curricularização da extensão no primeiro período do curso médico e, destacou-se o desenvolvimento de valores humanos fruto de metodologias ativas que buscavam a reflexão acerca das experiências vividas na prática com idosos no caso desses estudantes e entre os grupos de acadêmicos, ratificando (ALMEIDA E BARBOSA, 2020). Portanto, percebe-se uma ressignificação do ser, que se traduz como aprendizagem ao envolver toda a pessoa, incluindo seus sentimentos e inteligência, teoria e prática (CARDOSO, 2021).

Por fim, é importante perceber a extensão também, como uma fonte que alimenta os saberes dos docentes, uma vez que o professor busca meios/projetos que aproximem o acadêmico da sociedade e, reflita com esses estudantes os objetivos e impactos das ações realizadas na comunidade para o futuro profissional desses (REIS *et al.*, 2022).

## **2.6 A implementação da extensão no currículo do curso de Medicina da Universidade Evangélica de Goiás**

Durante a Semana Integrativa de 2024, alunos de diferentes períodos do curso de Medicina participaram ativamente de projetos que visaram a promoção da saúde em diversos contextos, proporcionando um impacto positivo tanto na comunidade quanto em sua própria

formação. As atividades ocorreram entre os dias 13 e 24 de maio, envolvendo ações educativas em escolas e centros de convivência para idosos, abordando uma ampla gama de temas adaptados aos diferentes públicos.

No início da Semana Integrativa, entre os dias 13 e 15 de maio, os estudantes do 2º período se engajaram em atividades práticas em escolas municipais, com o objetivo de conscientizar os alunos do ensino fundamental sobre a importância do exercício físico e os riscos do uso excessivo de dispositivos eletrônicos. Na Escola Municipal Deputado José de Assis, por exemplo, foi desenvolvido o projeto “Tornando-se Ativo: A Importância do Exercício Físico na Saúde”, que incluiu dinâmicas e circuitos físicos interativos para engajar crianças do 5º ao 8º ano. Simultaneamente, a ação “Trocar Telas por Telas” incentivou adolescentes a refletirem sobre os malefícios do uso prolongado de tecnologia, propondo alternativas saudáveis por meio de debates e atividades criativas. A participação ativa dos alunos e o engajamento das crianças mostraram o sucesso dessas intervenções, que foram bem recebidas pelos professores e pela comunidade escolar.

Prosseguindo com a Semana Integrativa, entre os dias 22 e 24 de maio, os alunos do 3º período se concentraram na promoção de hábitos saudáveis e seguros para crianças na Escola Municipal José Realino de Oliveira. As atividades abordaram higiene corporal e bucal, limites do corpo, alimentação saudável, primeiros socorros e prevenção de acidentes. De maneira prática e interativa, as crianças aprenderam técnicas corretas de escovação dentária, participaram de dinâmicas sobre a função dos músculos e montaram pirâmides alimentares com massinha de modelar. A oficina de primeiros socorros, que incluiu simulações teatrais, ensinou noções básicas de atendimento emergencial de forma lúdica e educativa. A adesão e o entusiasmo das crianças evidenciaram o êxito das atividades, que além de educativas, proporcionaram momentos de diversão e aprendizado prático.

Os estudantes do 4º período, por sua vez, voltaram-se para a promoção da qualidade de vida na terceira idade, entre os dias 20 e 22 de maio, realizando atividades em centros de convivência para idosos. O projeto incluiu avaliações clínicas, palestras sobre saúde mental, oficinas de fitoterápicos e atividades de integração como meditação guiada e um coral musical. Questões como polifarmácia e sexualidade na terceira idade foram discutidas de forma dinâmica e interativa, buscando desmistificar tabus e promover a saúde integral dos idosos. A participação ativa dos estudantes, aliada ao entusiasmo dos idosos,

reforçou a importância de cuidados multidisciplinares e de intervenções que promovam o bem-estar e a autonomia nessa fase da vida.

Nos dias 16 e 17 de maio, os alunos do 5º período desenvolveram um projeto na Escola Municipal Raymundo Paulo Hargreaves, focado na conscientização sobre obesidade infantil e prevenção da violência sexual na infância. De maneira lúdica e participativa, as crianças de 5 a 8 anos aprenderam sobre alimentação saudável e a importância de atividades físicas regulares. Através de oficinas interativas e dinâmicas adaptadas, os estudantes abordaram temas complexos de forma acessível e sensível. A prevenção da violência sexual foi tratada com a dinâmica das "10 Verdades", onde as crianças aprenderam a reconhecer e proteger seus limites corporais e a importância de contar com uma rede de confiança. A receptividade positiva e o engajamento das crianças mostraram que a adaptação do conteúdo para o público infantil foi eficaz e apropriada.

A Semana Integrativa de 2024 foi, portanto, um momento marcante para os futuros médicos, permitindo-lhes aplicar os conhecimentos teóricos em situações práticas e diversificadas. A experiência não só enriqueceu a formação acadêmica dos estudantes, como também contribuiu significativamente para a comunidade, promovendo saúde e bem-estar desde a infância até a terceira idade.

### **3. OBJETIVOS**

#### **3.1 Objetivo geral**

Avaliar a implementação de ações integrativas no curso de Medicina de uma universidade particular do estado de Goiás.

#### **3.2 Objetivos específicos**

- Identificar os dados sociodemográficos dos discentes e docentes do curso de Medicina da UniEVANGÉLICA.
- Avaliar o conhecimento dos docentes e discentes do curso de Medicina da UniEVANGÉLICA sobre a extensão.
- Avaliar a percepção dos docentes e discentes do curso de Medicina da UniEVANGÉLICA quanto à implementação da extensão no currículo acadêmico.

## 4. METODOLOGIA

### 4.1. Tipo de estudo

Estudo observacional, transversal, com abordagem quantitativa.

### 4.2. População e amostra do estudo

O estudo foi realizado com os discentes matriculados do 2º ao 5º períodos e docentes que ministram aulas do 1º ao 4º períodos do curso de Medicina da Universidade Evangélica de Goiás - UniEVANGÉLICA. Foram excluídos os alunos e os professores que, até o fim da coleta de dados, ainda não haviam participado de sua primeira semana integrativa, que ocorreu ao final do semestre letivo de 2024/1.

O poder amostral foi calculado no software G\*Power (versão 3.1.9.7 *Heinrich Heine-Universität Düsseldorf, German*) baseando-se no teste estatístico a ser utilizado (teste de Qui-quadrado), tamanho de efeito médio 0,3, nível de significância 5% e número total alcançado 266 (59 docentes e 207 discentes), sendo alcançado um poder de 98,0%.

Além disso, 15 participantes (compostos por 10 discentes e 5 docentes), que não faziam parte da amostra, participaram do projeto piloto para avaliação dos Instrumentos para coleta de dados.

### 4.3. Coleta de dados

A aplicação de um Instrumento para coleta de dados semiestruturado, elaborado pelos próprios pesquisadores, foi aplicado inicialmente à 10 discentes e 5 docentes, que não faziam parte da amostra, com boa compreensão. Esse pré-teste conteve questões sobre dados sociodemográficos e suas percepções acerca da semana integrativa, com o intuito de transformá-lo em um instrumento de coleta de dados, sendo ajustadas as incongruências.

A coleta de dados para a pesquisa aconteceu por meio da aplicação de formulário *online* via *Google Forms* (<https://forms.gle/JQVR8jpdwyuGFpkr9>), após abordagem coletiva aos discentes, em sala de aula, com explanação do tema e, aos docentes, na reunião de planejamento do curso. Foi solicitada sua participação on-line via *link* enviado por meio do aplicativo de celular WhatsApp ou por meio de código QR impresso, bem como respeitada sua decisão em não responder a determinada questão. Após a aceitação, os participantes responderam Instrumento para coleta de dados padronizados pelos autores e aprovados pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP). No início do formulário, foi apresentado o Termo de

Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). Após a leitura, o participante confirmou o seu consentimento da participação na pesquisa e realizou o *download* de uma cópia do TCLE. Em caso de aceite, foi liberado o acesso ao Instrumento para coleta de dados.

Os Instrumento para coleta de dados propostos foram: um, direcionado aos discentes, que abordou sobre idade, sexo, período do curso, sobre o conhecimento acerca da extensão universitária e sua curricularização, além de perguntas relacionadas à semana integrativa e sua relevância para a integração entre aluno e sociedade (APÊNDICE A). O outro, foi direcionado aos docentes, que abordou sexo, idade, formação acadêmica, nível de formação, anos de docência no curso de Medicina, além de avaliar o discernimento acerca da extensão universitária e sua curricularização, assim como o incentivo aos alunos na participação e na percepção da relevância dessa atividade (APÊNDICE B).

Os critérios de inclusão foram discentes matriculados do 2º ao 5º períodos e docentes que ministram aulas do 1º ao 4º períodos do curso de Medicina da Universidade Evangélica de Goiás - UniEVANGÉLICA. Foram incluídos discentes e docentes de ambos os sexos, com idade maior ou igual a 18 anos, que demonstraram interesse em participar, que concordaram em assinar o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). Foram excluídos discentes e docentes que não preencheram adequadamente os Instrumento para coleta de dados e os orientadores deste trabalho.

#### **4.4. Análise de dados**

Os resultados foram descritos como frequências e porcentagens. Para verificar a percepção dos docentes e discentes em relação à extensão universitária foi utilizado o teste de Qui-quadrado e quando necessário a correção de *Likelihood Ratio* (frequência esperada menor < 5 em mais de 16,5% das caselas). Foi considerado o  $p < 0,05$  e os dados foram analisados no software *Statistical Package for Social Science* (SPSS, IBM, versão 27, Armonk, NY).

#### **4.5. Aspectos éticos**

O estudo foi submetido à aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da UniEVANGÉLICA e recebeu o parecer de aprovação nº 6.588.121 (ANEXO 1).

## 5. RESULTADOS

Participaram do estudo 266 entrevistados, sendo 59 docentes e 207 discentes. No grupo dos docentes, encontrou-se predominância do sexo feminino (71,2%). Quanto à faixa etária, a maior proporção de docentes está concentrada entre 51 e 60 anos (37,3%). Em relação à formação acadêmica, observou-se que a maior parte dos docentes são graduados em Medicina (25,4%). Em termos de experiência docente, a maioria dos docentes declarou entre 6 e 10 anos de atuação (33,9%) (Tabela1).

**Tabela 1:** Perfil da amostra referente aos dados sociodemográficos dos docentes de uma instituição privada do estado de Goiás (n=59).

Dados sociodemográficos	n	%
<b>Sexo</b>		
Feminino	42	71,2
Masculino	17	28,8
<b>Faixa etária</b>		
30 a 40 anos	9	15,2
41 a 50 anos	19	32,2
51 a 60 anos	22	37,3
61 a 70 anos	9	15,3
<b>Formação acadêmica</b>		
Biomedicina	3	5,1
Enfermagem	12	20,3
Farmácia	10	17,0
Fisioterapia	12	20,3
Geografia	2	3,4
Medicina	15	25,4
Medicina veterinária	1	1,7
Odontologia	1	1,7
Psicologia	2	3,4
Engenharia de alimentos	1	1,7
<b>Tempo de docência</b>		

6 meses a 5 anos	14	23,7
6 a 10 anos	20	33,9
11 a 15 anos	16	27,1
Mais de 15 anos	9	15,3

**Fonte:** Elaborada pelos autores (2024).

No que diz respeito aos discentes, destacou-se a predominância do sexo feminino (64,7%). Em relação à idade, a maioria significativa dos discentes estava na faixa etária de 18 a 22 anos (80,2%). Quanto ao período do curso, o maior contingente de discentes encontrava-se no 2º período (32,9%) (Tabela 2).

**Tabela 2:** Perfil da amostra referente aos dados sociodemográficos dos discentes de uma instituição privada do estado de Goiás (n = 207).

Dados sociodemográficos	N	%
<b>Sexo</b>		
Feminino	134	64,7
Masculino	73	35,3
<b>Faixa etária</b>		
18 a 22 anos	166	80,2
23 a 27 anos	31	15,0
28 a 32 anos	4	1,9
> 33 anos	6	2,9
<b>Período</b>		
2º	68	32,9
3º	52	25,1
4º	45	21,7
5º	42	20,3

**Fonte:** Elaborada pelos autores (2024).

Através do Instrumento para coleta de dados, tanto dos discentes quanto dos docentes, avaliou-se a compreensão prática do significado de projetos de extensão, que são atividades que promovem intervenção social. A tabela 3 apresenta respostas dos entrevistados à pergunta acerca da percepção sobre o conceito de extensão universitária. Dentre as opções,

as que foram verdadeiramente consideradas projetos de extensão foram "liga acadêmica", por contemplar o tripé ensino-pesquisa-extensão, e "ações na comunidade".

A partir disso, percebeu-se que muitos acadêmicos e docentes assinalaram múltiplas opções que, apesar de terem algum item correto, tinham atividades que não são consideradas de extensão. Uma pequena parte dos docentes (13,6%) e dos discentes (2,9%) escolheram simultaneamente e, somente, a opção "liga acadêmica + ações na comunidade". Nesse sentido, esse grupo foi considerado como "resposta correta". Aqueles que marcaram "liga acadêmica", "ações na comunidade" e alguma outra opção, ou que marcaram somente "liga acadêmica" ou "ações na comunidade" e alguma outra opção foram considerados "resposta parcialmente correta". Considerou-se "resposta incorreta" a daqueles que não selecionaram nem "liga acadêmica" nem "ações na comunidade" (Tabela 3).

**Tabela 3:** Avaliação da percepção dos docentes (n = 59) e discentes (n = 207) de uma instituição privada do estado de Goiás sobre o conceito de extensão universitária.

	N	%
<b>Docentes</b>		
Resposta correta*	8	13,6
Resposta parcialmente correta**	51	86,4
Resposta incorreta ***	-	-
<b>Discentes</b>		
Resposta correta*	6	2,9
Resposta parcialmente correta**	199	96,1
Resposta incorreta	2	1,0

**Nota:** \* Respostas com liga acadêmica e ações na comunidade. \*\* Respostas com liga acadêmica ou ações na comunidade. \*\*\* Respostas que não contemplaram nem liga acadêmica nem ações na comunidade.

**Fonte:** Elaborada pelos autores (2024).

A maioria dos professores do curso de Medicina da UniEVANGÉLICA concordava que a semana integrativa atende aos requisitos da resolução nº 7/2018 do MEC, com a maioria (40,7%) concordando e (44,1%) concordando totalmente. Quanto à contribuição da extensão na formação dos alunos, obteve-se uma predominância (69,5%) em que concordavam totalmente, assim como, (76,3%) relataram que a integração de atividades de extensão no currículo como positiva, ampliando a visão social dos estudantes. No entanto, grande parte (50,8%) acreditava que há alternativas melhores do que a semana integrativa para implementar a extensão no curso, enquanto que outra parcela significativa (37,3%) ficaram neutros em relação a tal questionamento (Tabela 4).

**Tabela 4:** Distribuição das respostas do Instrumento para coleta de dados de avaliação da percepção de extensão aplicados aos docentes de uma instituição privada do estado de Goiás (n = 59).

Perguntas	Concordo totalmente n (%)	Concordo n (%)	Neutro n (%)	Discordo n (%)	Discordo totalmente n (%)
A partir do conceito de extensão, você acredita que a Semana Integrativa do curso de Medicina da UniEVANGÉLICA atende aos requisitos normativos (Resolução nº 7/2018, do MEC)?	26 (44,1)	24 (40,7)	6 (10,1)	3 (5,1)	-
Você acredita que a participação dos docentes em atividades de extensão pode contribuir para a formação dos estudantes de Medicina?	41 (69,5)	16 (27,1)	2 (3,4)	-	-
Você acredita que a extensão universitária pode ser uma forma eficaz de aproximar o curso de Medicina da realidade social e das demandas dos serviços de saúde?	45 (76,3)	11 (18,6)	3 (5,1)	-	-
Você acha que a curricularização da extensão no curso de Medicina pode tornar a formação mais abrangente e humanística?	35 (59,3)	18 (30,5)	5 (8,5)	1 (1,7)	-
Você concorda que a extensão universitária deve ser incluída no currículo do curso de Medicina?	35 (59,3)	20 (33,9)	3 (5,1)	1 (1,7)	-
Você concorda que a extensão universitária pode contribuir para a formação de médicos mais comprometidos com as demandas sociais e a promoção do bem-estar coletivo?	37 (62,7)	19 (32,2)	2 (3,4)	1 (1,7)	-
Você acha que as atividades de extensão universitária devem ser desenvolvidas em parceria com as comunidades e serviços de saúde?	41 (69,5)	18 (30,5)	-	-	-
Você acredita que existem alternativas melhores do que a SI para a implementação da extensão universitária no curso de Medicina?	12 (20,3)	18 (30,5)	22 (37,3)	7 (11,9)	-

Você acredita que outros tipos de atividades de extensão universitária poderiam ser adicionadas ao currículo do curso de Medicina, além da SI?	17 (28,9)	29 (49,1)	10 (16,9)	3 (5,1)	-
--	-----------	-----------	-----------	---------	---

**Fonte:** Elaborada pelos autores (2024).

Dentre os docentes, observou-se que uma parcela dominante (69,5%) já incentivaram seus alunos a participarem de atividades de extensão universitária. Apesar de nenhum dos professores discordar ou discordar totalmente, quando perguntados se acreditavam que a extensão universitária pode ser uma forma eficaz de aproximar o curso de Medicina da realidade social e das demandas dos serviços de saúde (Tabela 4). Visualizou-se que parte majoritária dos docentes já identificou dificuldades nos processos de implementação (76,3%) e execução (78%) da semana integrativa do curso de Medicina (Tabela 5).

**Tabela 5:** Distribuição das respostas do Instrumento para coleta de dados de avaliação do conhecimento sobre extensão aplicado a docentes de instituição privada do estado de Goiás (n = 59).

Perguntas	Sim n (%)	Não n (%)
Você sabe o que é extensão universitária?	59 (100,0)	-
Você sabe o que é a curricularização da extensão universitária?	54 (91,5)	5 (8,5)
Você sabe a diferença entre atividade de extensão e atividade extracurricular?	56 (94,9)	3 (5,1)
Você já participou de atividades de extensão durante a sua formação acadêmica ou como docente?	57 (96,6)	2 (3,4)
Você já orientou e/ou coordenou projetos de extensão no curso de Medicina?	42 (71,1)	17 (28,9)
Você já incentivou seus alunos a participarem de atividades de extensão universitária?	41 (69,5)	18 (30,5)
Você já participou de atividades da SI como docente do curso de Medicina?	57 (96,6)	2 (3,4)
Você já participou da organização de atividades de extensão universitária como docente do curso de Medicina?	48 (81,4)	11 (18,6)
Você já avaliou os resultados da participação dos estudantes em atividades de extensão universitária em relação à sua formação acadêmica e profissional?	33 (55,9)	26 (44,1)

Você identificou alguma dificuldade no processo de implementação da SI do curso de Medicina?	45 (76,3)	14 (23,7)
Você identificou alguma dificuldade no processo de execução da SI do curso de Medicina?	46 (78)	13 (22,0)

**Fonte:** Elaborada pelos autores (2024).

Os dados dos discentes do 2º ao 5º períodos do curso de Medicina da UniEVANGÉLICA mostram que (85,6%) um grupo predominante concordam/concordam totalmente que a semana integrativa atende aos requisitos de extensão. Por conseguinte, uma porção mais numerosa (79,2%) acredita que ela amplia a visão sobre a importância da extensão na formação médica. A maioria (83,1%) considera a semana integrativa importante para a formação médica, e uma fração majoritária (88,4%) acredita em seu potencial para formar profissionais comprometidos com as demandas sociais. Além disso, uma parcela dominante (86,5%) dos discentes reconhecem o papel da semana no desenvolvimento de habilidades de trabalho em equipe e comunicação, embora a pluralidade (73,4%) apontem dificuldades na sua execução (Tabela 6).

**Tabela 6** – Distribuição das respostas do Instrumento para coleta de dados de avaliação da percepção de extensão aplicados aos discentes de uma instituição privada do estado de Goiás (n = 207).

Perguntas	Concordo totalmente n (%)	Concordo n (%)	Neutro n (%)	Discordo n (%)	Discordo totalmente n (%)
A partir do conceito de extensão, você acredita que a SI do curso de Medicina da UniEVANGÉLICA atende aos requisitos?	67 (32,4)	110 (53,2)	16 (7,7)	10 (4,8)	4 (1,9)
Você concorda que a SI é importante para a formação médica?	99 (47,8)	73 (35,3)	23 (11,1)	7 (3,4)	5 (2,4)
Você acredita que a SI pode ajudar a formar profissionais mais comprometidos com as demandas sociais e com a promoção do bem-estar coletivo?	101 (48,8)	82 (39,6)	13 (6,3)	7 (3,4)	4 (1,9)
Você acha que a SI pode ajudar a promover a integração entre a universidade e a sociedade?	105 (50,7)	91 (44)	6 (2,9)	3 (1,4)	2 (1,0)

Perguntas	Concordo totalmente n (%)	Concordo n (%)	Neutro n (%)	Discordo n (%)	Discordo totalmente n (%)
A partir do conceito de extensão, você acredita que a SI do curso de Medicina da UniEVANGÉLICA atende aos requisitos?	67 (32,4)	110 (53,2)	16 (7,7)	10 (4,8)	4 (1,9)
A SI ajudou a ampliar a sua visão sobre a importância da extensão universitária na formação médica?	90 (43,5)	74 (35,7)	24 (11,6)	12 (5,8)	7 (3,4)
Você acredita que a SI ajudou a desenvolver habilidades de trabalho em equipe e de comunicação?	99 (47,8)	80 (38,7)	17 (8,2)	6 (2,9)	5 (2,4)
A SI ajudou a aumentar a sua motivação para participar de outras atividades de extensão durante o curso de Medicina?	74 (35,8)	57 (27,5)	25 (12,1)	34 (16,4)	17 (8,2)
Você acredita que a SI deveria ser obrigatória para todos os estudantes de Medicina?	56 (27,1)	70 (33,8)	43 (20,8)	17 (8,2)	21 (10,1)
Você concorda que a extensão universitária deve estar presente no currículo do curso de Medicina?	99 (47,8)	79 (38,2)	16 (7,7)	6 (2,9)	7 (3,4)
Você identificou alguma dificuldade no processo de execução da SI do curso de Medicina?	63 (30,4)	89 (43,0)	38 (18,4)	12 (5,8)	5 (2,4)

**Fonte:** Elaborada pelos autores (2024).

A tabela 7 elenca questões a respeito do quanto os estudantes acreditavam que compreendem o conceito de extensão universitária e se eles efetivamente participaram da semana integrativa. Esses dados devem ser correlacionados com os dados da tabela 3, que analisam a validade dessa autopercepção dos estudantes e dos docentes a respeito de seu conhecimento sobre o conceito de extensão. Nesse sentido, nota-se que, apesar de a maioria dos discentes afirmar que sabe o que é extensão universitária (91,8%) e o que é a curricularização da extensão (74,9%), a quase totalidade dos estudantes (96,1%) apresentou uma resposta parcialmente correta a respeito do conceito de extensão, conforme definido anteriormente.

**Tabela 7** – Distribuição das respostas do Instrumento para coleta de dados de avaliação do conhecimento a respeito de extensão aplicado a discentes de instituição privada do estado de Goiás (n = 207).

Perguntas	Sim n (%)	Não n (%)
Você sabe o que é extensão universitária?	190 (91,8)	17 (8,2)
Você sabe o que é a curricularização da extensão universitária?	155 (74,9)	52 (25,1)
Você sabe a diferença entre atividade de extensão e atividade extracurricular?	86 (41,5)	121 (58,5)
Você participou da SI durante o curso de Medicina?	207 (100,0)	-
Você teve a oportunidade de participar de alguma atividade prática durante a SI?	199 (96,1)	8 (3,9)

**Fonte:** Elaborada pelos autores (2024).

A análise comparada da percepção e conhecimento dos discentes e docentes sobre a implementação e execução da semana integrativa foi realizada na tabela 8, em que se visualiza se houve convergências nas percepções e conhecimentos acerca das atividades de extensão no curso de Medicina, implementação e execução da semana integrativa na universidade analisada pelos participantes. Utilizou-se para construção da tabela perguntas semelhantes presentes nos Instrumento para coleta de dados direcionados aos dois públicos.

Observou-se que grande parte dos discentes (85,6%) e dos docentes (84,8%) acreditavam que a semana integrativa atende ao conceito de extensão universitária. Em seguida, notou-se também que a maioria dos discentes (94,7%) e dos docentes (94,9%) concordam totalmente/concordam acerca da eficácia da extensão universitária como uma forma de aproximar o curso de Medicina da realidade social e das demandas dos serviços de saúde. Além disso, verificou-se, na tabela 8, que os discentes (88,4%) e os docentes (94,9%) concordam totalmente/concordam que a extensão universitária é uma forma de contribuir para a formação de médicos mais comprometidos com as demandas sociais e a promoção do bem-estar coletivo.

Quando questionados se os participantes acreditavam que a extensão universitária deve ser incluída no currículo do curso de Medicina, a maior parte dos discentes (86,0%) e dos docentes (93,2%) referiram que concordam/concordam totalmente (Tabela 8).

No presente estudo, observou-se diferença estatisticamente significativa ( $p: 0,002$ ) de respostas entre os docentes e discentes quando avaliados se “você acredita que a extensão universitária pode ser uma forma eficaz de aproximar o curso de Medicina da realidade social e das demandas dos serviços de saúde?”, com uma maior prevalência de docentes (76,3%) que relataram concordo totalmente em relação à resposta dos discentes (50,7%) (Tabela 8).

Uma diferença estatisticamente significativa ( $<0,001$ ) de respostas também foi observada entre as amostras de docentes e discentes, quando questionados se “Você identificou alguma dificuldade no processo de execução da semana integrativa do curso de Medicina?”, sendo que apenas 8,2% relataram não identificar alguma dificuldade (Tabela 8).

**Tabela 8** – Respostas correlacionadas dos discentes ( $n = 207$ ) e docentes ( $n = 59$ ) de uma instituição privada do estado de Goiás, sobre a percepção e conhecimento acerca da implementação e execução da semana integrativa.

<b>Você acredita que a semana integrativa do curso de Medicina da UniEVANGÉLICA atende ao conceito de Extensão universitária?</b>	<b>Discentes n (%)</b>	<b>Docentes n (%)</b>	<b>p*</b>
<b>Respostas</b>			
Concordo totalmente (%)	67 (32,4)	24 (40,7)	0,409
Concordo (%)	110 (53,2)	26 (44,1)	
Neutro (%)	16 (7,7)	6 (10,1)	
Discordo (%)	10 (4,8)	3 (5,1)	
Discordo totalmente (%)	4 (1,9)	-	
<b>Você acredita que a extensão universitária pode ser uma forma eficaz de aproximar o curso de Medicina da realidade social e das demandas dos serviços de saúde?</b>			
<b>Respostas</b>			
Concordo totalmente (%)	105 (50,7)	45 (76,3)	0,002
Concordo (%)	91 (44,0)	11 (18,6)	
Neutro (%)	6 (2,9)	3 (5,1)	
Discordo (%)	3 (1,4)	-	
Discordo totalmente (%)	2 (1,0)	-	
<b>Você concorda que a extensão universitária pode contribuir para a formação de médicos mais</b>			
	<b>Discentes n (%)</b>	<b>Docentes n (%)</b>	

<b>comprometidos com as demandas sociais e a promoção do bem-estar coletivo?</b>				
<b>Respostas</b>				
Concordo totalmente (%)	101 (48,8)	37 (62,7)	0,232	
Concordo (%)	82 (39,6)	19 (32,2)		
Neutro (%)	13 (6,3)	2 (3,4)		
Discordo (%)	7 (3,4)	1 (1,7)		
Discordo totalmente (%)	4 (1,9)	-		
<b>Você concorda que a extensão universitária deve ser incluída no currículo do curso de Medicina?</b>		<b>Discentes n (%)</b>	<b>Docentes n (%)</b>	
<b>Respostas</b>				
Concordo totalmente (%)	99 (47,8)	35 (59,3)	0,226	
Concordo (%)	79 (38,2)	20 (33,9)		
Neutro (%)	16 (7,7)	3 (5,1)		
Discordo (%)	6 (2,9)	1 (1,7)		
Discordo totalmente (%)	7 (3,4)	-		
<b>Você identificou alguma dificuldade no processo de execução da semana integrativa do curso de Medicina?</b>		<b>Discentes n (%)</b>	<b>Docentes n (%)</b>	
<b>Respostas</b>				
Sim (%)	152 (73,4)	46 (78,0)	<0,001	
Não (%)	17 (8,2)	13 (22,0)		
Neutro (%)	38 (18,4)	-		

**Fonte:** Elaborada pelos autores (2024); Teste de Qui-quadrado; Correlação de Likelihood Ratio. \*Dados para  $p \leq 0,05$  estatisticamente significativo.

## 6. DISCUSSÃO

A análise de dados revelou uma compreensão limitada e imprecisa do conceito de extensão universitária entre os participantes deste estudo, indicando a necessidade de maior esclarecimento. Os docentes, embora engajados em atividades de extensão e reconhecendo sua importância para a formação médica, relataram dificuldades em sua execução. Por outro lado, os discentes valorizaram a semana integrativa por sua contribuição para a motivação e desenvolvimento de habilidades, apesar de também apontarem desafios na implementação. Esses achados sugerem um cenário promissor para a integração da extensão universitária no currículo médico, ao mesmo tempo que ressaltam áreas que demandam atenção para otimizar seu impacto.

A extensão na educação superior brasileira é uma atividade essencial, integrada à matriz curricular e à organização da pesquisa, promovendo uma interação transformadora entre as instituições de ensino superior e a sociedade (BRASIL, 2018). A inserção da curricularização da extensão no curso de Medicina da UniEVANGÉLICA tem sido objeto de discussão entre os docentes do ciclo clínico. Um questionamento relevante é se essa abordagem pode enriquecer a formação dos futuros médicos, tornando-a mais abrangente e humanística.

O estudo delineou o perfil e a percepção dos docentes e discentes de Medicina envolvidos em um projeto de extensão universitária integrado ao currículo. A extensão universitária é cada vez mais reconhecida como vital, impulsionada pela interação com a comunidade externa, pela creditação nos cursos e pelas demandas sociais. Atualmente, busca-se integrar à sociedade à universidade, valorizando seus conhecimentos para gerar um novo conhecimento validado pela interação entre saber acadêmico e popular (SILVA, 2020). Isso é reforçado pelos dados que mostraram que a maioria dos discentes afirmou que a semana integrativa amplia sua visão sobre a importância da extensão na formação médica.

A amostra deste estudo foi composta majoritariamente pelo sexo feminino tanto entre os docentes, quanto entre os discentes, sendo que as formações acadêmicas mais prevalentes foram em Medicina e em farmácia. Isso pode ser explicado pelo processo de feminização que ocorre na área da saúde em geral. Na qual as mulheres representavam a maior parte da força de trabalho nesse setor, inclusive em profissões historicamente consideradas como masculinas, como a Medicina (BONIOL *et al.*, 2019, DE REZENDE *et al.*, 2023).

A maioria dos docentes que participaram desta pesquisa, para os quais existem alternativas melhores em relação à semana integrativa para a extensão universitária. Um estudo avaliou o desenvolvimento de um projeto com a finalidade de diálogo entre a comunidade e o curso de Medicina da Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP), o qual analisou aspectos que tornassem as disciplinas Práticas em Saúde I, II e III, nos períodos iniciais do curso, dentro dos parâmetros da curricularização, destinando parte de sua carga horária para extensão (FIGUEIREDO *et al.*, 2023)

Em paralelo com essa ideia, na Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP), a materialização da extensão nos currículos ocorreu por meio do reconhecimento de atividades de extensão já presentes nas disciplinas do curso, não exigindo o acréscimo de carga horária extra. A universidade buscou encontrar possibilidades de mudança dentro dos conteúdos já trabalhados. Outro exemplo é a Universidade Federal do ABC (UFABC), onde surgiu a ideia de se criar um “campus de extensão”, para que tenham um local de realização das atividades extensionistas que acolha e viabilize o atendimento ao público em geral com cursos, palestras e oficinas e, diferentemente da UNIFESP, a UFABC contabiliza as horas dessas atividades à parte das disciplinas já existentes nos cursos (BASSO *et al.*, 2023).

A maioria dos docentes da UniEVANGÉLICA já incentiva seus alunos a participar de atividades de extensão, mas a falta de uma avaliação sistemática do impacto dessas atividades, mencionada por boa parte dos docentes, sugere que a implementação de programas de capacitação e suporte pode contribuir para melhorar a organização e o monitoramento dos projetos extensionistas. Segundo Sousa (2024), a Universidade de São Paulo (USP) seria um exemplo para o engajamento dos professores na extensão, já que promoveu programas de formação pedagógica para o desenvolvimento dos projetos de extensão. Além disso, esse mesmo estudo fala sobre a necessidade de recursos financeiros e estruturais que devem ser levados em consideração no planejamento de curso das universidades. Como exemplo, universidades internacionais, como de *Groningen*, na Holanda, e de *Queensland*, na Austrália, implementaram a extensão nos currículos a partir de recursos e infraestrutura adequados, reforçando a necessidade desses elementos.

O curso de Medicina da Universidade de Pernambuco teve uma experiência de curricularização da extensão com uma comunidade quilombola e a percepção dos estudantes também é favorável a essas vivências, pois eles são equipados não somente com competências técnicas, mas também com uma compreensão integral do paciente, promovendo, desse modo,

uma prática assistencial mais humanizada (SOUZA *et al.*, 2022). Isso está alinhado com os dados do presente estudo, onde a maioria dos docentes e dos discentes concordam que a extensão universitária pode contribuir para a formação de médicos mais comprometidos com as demandas sociais e a promoção do bem-estar coletivo. Esses achados reforçam a relevância de atividades extensionistas que envolvem diretamente a comunidade, algo que foi bem-sucedido em diferentes contextos, como no caso de Pernambuco.

Na Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS), *campus* Chapecó, estudantes participam de atividades de extensão vinculadas aos serviços de saúde locais, como a territorialização de áreas cobertas por Centros de Saúde da Família (CSFs), gerando produtos como mapas utilizados pelos agentes comunitários de saúde para melhorar o planejamento de ações (FONSECA *et al.*, 2019). Essa experiência se conecta aos resultados deste estudo, onde grande parte dos docentes e dos discentes acreditam que a extensão universitária aproxima o curso de Medicina da realidade social e das demandas dos serviços de saúde, demonstrando a importância da conexão entre as demandas curriculares e as necessidades dos serviços de saúde, à semelhança do que ocorre na UFFS, para otimizar o impacto dessas atividades na formação dos alunos.

Assim, nota-se que, apesar de a curricularização da extensão universitária ter se tornado mandatória nas instituições de ensino superior do Brasil, proporcionando uma oportunidade para fomentar a democratização do conhecimento ao reconfigurar a interação entre universidade e sociedade (SPATTI *et al.*, 2023), diversas limitações persistem entre as diferentes entidades. Fatores como escassez de recursos, falta de espaços práticos, desafios para envolver toda a comunidade acadêmica e necessidade de ajustes curriculares sem sobrecarregar alunos e professores têm sido recorrentes (OLIVEIRA; TOSTA; FREITAS, 2020). Essa realidade é corroborada pela percepção da maioria dos alunos e dos professores participantes deste presente estudo, que enfrentam dificuldades na implementação da semana integrativa, conforme também evidenciado por Gomes *et al.* (2019), que apontaram desafios no engajamento da comunidade acadêmica.

Apesar das dificuldades, a abordagem de envolver universitários em formação médica em atividades colaborativas mobiliza uma série de habilidades tanto nos alunos quanto nos professores, proporcionando uma melhor estratégia de aquisição de conhecimento, estimulando a criatividade, promovendo a capacidade de trabalho em equipe e possibilitando uma maior interação e troca de saberes entre acadêmicos e docentes. Esse tipo de prática cria um ambiente acadêmico mais acolhedor e empático, especialmente quando aborda questões

relacionadas à saúde mental, que ainda são estigmatizadas (KAWAKAMI; CARRIJO, 2023). Isso é reforçado pelo dado do presente estudo que, apesar das dificuldades, boa parte dos discentes relataram que a semana integrativa aumentou sua motivação para participar de outras atividades de extensão.

Do ponto de vista docente, essas experiências aumentam a satisfação pessoal em relação ao ensino e ao processo de aprendizagem, tanto para os profissionais de saúde quanto para os educadores, e têm um impacto significativo na comunidade, promovendo uma transformação positiva e gerando uma evolução palpável nos alunos (BERNARDES *et al*, 2023; KAWAKAMI; CARRIJO, 2023).

As principais limitações deste estudo incluem o risco de viés de desejabilidade social, em que os respondentes podem ter ajustado suas respostas para fornecer aquelas que acreditavam ser socialmente aprovadas, além de possíveis distorções de memória, já que os participantes podem não se lembrar com precisão de suas experiências ou desempenho em determinadas situações. Também foi limitada a ausência de um Questionário pré-existentes validados, o que exigiu a criação de novos instrumentos de avaliação. Todavia, um dos pontos positivos mais notáveis do trabalho foi evidenciar um tema pouco explorado na literatura nacional, especialmente na região Centro-Oeste, trazendo uma abordagem pioneira e inovadora no contexto da curricularização da extensão no ensino médico. Este estudo reforça a importância da discussão sobre a integração da extensão universitária no currículo, oferecendo uma base para futuras investigações no campo.

## 7. CONCLUSÃO

O presente estudo sobre a implementação de ações integrativas no curso de Medicina da UniEVANGÉLICA, demonstrou um quadro diversificado em termos de gênero, faixa etária e formação acadêmica dos participantes, com predominância feminina e ampla faixa etária. Além disso, tanto docentes quanto discentes apresentaram compreensões variadas sobre extensão universitária, no qual, em sua maioria revelaram uma compreensão superficial destacando a importância da sensibilização e educação continuada nesse tema.

Apesar dos desafios na execução prática das atividades na semana integrativa, a percepção geral dos participantes foi positiva, reconhecendo os benefícios da extensão na formação médica, na ampliação da visão dos estudantes sobre as demandas sociais e promoção de uma formação mais completa e sensível às necessidades da comunidade, ressaltando a necessidade de abordagens estratégicas na implementação de programas.

Desse modo, recomenda-se que os resultados desse estudo fomentem futuras pesquisas relacionadas às atividades de curricularização da extensão, essenciais ao aprimoramento da qualidade da Educação Médica brasileira.

## 8. REFERÊNCIAS

ALMEIDA, S. M. V. DE; BARBOSA, L. M. V. Curricularização da Extensão Universitária no Ensino Médico: o Encontro das Gerações para Humanização da Formação. **Revista Brasileira de Educação Médica**, v. 43, p. 672–680, 13 jan. 2020.

AMOR DIVINO, A. E. *et al.* A extensão universitária quebrando barreiras. **Caderno de Graduação - Ciências Humanas e Sociais - UNIT - SERGIPE**, [S. l.], v. 1, n. 2, p. 135–140, 2013. Disponível em: <https://periodicos.set.edu.br/cadernohumanas/article/view/491>. Acesso em: 23 maio. 2023.

AYRES, J. R. D. C. M. Extensão universitária: aprender fazendo, fazer aprendendo. **Revista de Medicina**, v. 94, n. 2, p. 75, 29 out. 2015.

AYRES, J. R. DE C. M. *et al.* Humanidades como disciplina da graduação em Medicina. **Revista Brasileira de Educação Médica**, v. 37, n. 3, p. 455–463, set. 2013.

BARBOSA, G. C. *et al.* Política Nacional de Humanização e formação dos profissionais de saúde: revisão integrativa. **Revista Brasileira de Enfermagem**, v. 66, n. 1, p. 123–127, fev. 2013.

BASSO, L. D. P. *et al.* Curricularização da extensão: Propostas de universidades federais paulistas. **Revista Brasileira de Extensão Universitária**, v. 14, n. 2, p. 189–199, 28 ago. 2023.

BERNARDES, C. T. V. *et al.* Curricularização da extensão: : uma experiência positiva vivenciada no curso de Medicina. **Anais do Seminário de Atualização de Práticas Docentes**, [S. l.], v. 5, n. 2, p. 56–61, 2023.

BERTOLLO, K. Extensão universitária e curricularização da extensão: considerações sobre a formação em serviço social. **Além dos Muros da Universidade**, v. 6, n. 1, p. 148–163, 13 jan. 2021.

BONIOL, M. *et al.* Gender equity in the health workforce: analysis of 104 countries. **Geneva: World Health Organization**; 2019.

BRASIL. Lei no 13.005, de 25 de junho de 2014. Diário Oficial da União. República Federativa do Brasil – Imprensa Nacional. Brasília, DF, 26 jun. 2014. Edição extra.

BRASIL. Lei 10.172, de 9 de janeiro de 2001. **Aprova o Plano Nacional de Educação e dá outras providências**. Brasília, DF: Diário Oficial da União, 2001.

BRASIL. **Ministério da Educação**. Resolução no 7, de 18 de dezembro de 2018. Estabelece as Diretrizes para a Extensão na Educação Superior Brasileira e regimenta o disposto na Meta 12.7 da Lei nº 13.005/2014, que aprova o Plano Nacional de Educação - PNE/2014-2024 e dá outras providências. Disponível em: [http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com\\_docman&view=download&alias=104251-rce-s007-18&category\\_slug=dezembro-2018-pdf&Itemid=30192](http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=104251-rce-s007-18&category_slug=dezembro-2018-pdf&Itemid=30192).

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Núcleo Técnico da Política Nacional de Humanização. **Política Nacional de Humanização (PNH)**: documento base para gestores e trabalhadores do SUS. 4.ed. Brasília: Ministério da Saúde, 2010.

CANO, M. A. La extensión universitaria en la transformación de la Universidad Latinoamericana del siglo XXI: disputas y desafíos. In: ACOSTA SILVA, A *et al.* **Los desafíos de la universidad pública en América Latina y el Caribe**. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: CLACSO, p. 287-380, 2015.

CARDOSO, D. M. S. Curricularização da extensão e educação interprofissional: possibilidades de ações colaborativas para mudanças na prática docente. repositorio.unesc.net, 16 abr. 2021.

DALBOSCO, C. A. C. Educação superior e os desafios da formação para a cidadania democrática. **Avaliação** (UNICAMP). Campinas v. 20, p. 123-142, 2015.

DE REZENDE, B. Y. *et al.* Educação e Medicina: a feminização das escolas médicas. **Clinics Biopsychosocial**, [S. l.], v. 1, n. 1, 2023. DOI: 10.54727/cbps.v1i1.7.

FIGUEIREDO, A. M. DE *et al.* Avaliação da potencialidade de curricularização da extensão e elaboração de proposta para sua implantação em ações integradas à rede de saúde realizadas pelas disciplinas “práticas em saúde” do curso de Medicina da Universidade Federal de Ouro Preto, Mina. **OBSERVATÓRIO DE LA ECONOMÍA LATINOAMERICANA**, v. 21, n. 11, p. 22842–22857, 29 nov. 2023.

FONSÊCA, G. *et al.* CURRICULARIZAÇÃO DA EXTENSÃO NA SAÚDE. **Seminário Integrador de Extensão**, v. 2, n. 2, 2019.

FRIESTINO, J. K. O. *et al.* A EXTENSÃO COMO ESTRATÉGIA DE ENSINO EM SAÚDE COLETIVA. **Seminário Integrador de Extensão**, v. 1, n. 1, 2 out. 2018.

GADOTTI, M. Extensão universitária: para quê. **Instituto Paulo Freire**, v. 15, p. 1-18, 2017.

GOMEZ, S. da R. M.; CORTE, M. G. D.; ROSSO, G. P. A Reforma de Córdoba e a educação superior: institucionalização da extensão universitária no Brasil. **Revista Internacional de Educação Superior**, Campinas, SP, v. 5, p. e 019020, 2019

IMPERATORE, S. L. B.; PEDDE, V. “Curricularização” da Extensão Universitária no Brasil: questões estruturais e conjunturais de uma política pública. In: Congreso Latinoamericano de Extensión Universitaria, 13, 2015. **Anais Eletrônicos** [...], Havana, 2015.

JEZINE, E. M. As Práticas Curriculares e a Extensão Universitária. In: 2º CONGRESSO BRASILEIRO DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA, 2004, Belo Horizonte. **Anais Eletrônicos** [...], Belo Horizonte: UFMG, p. 3, 2004.

KAWAKAMI, R. M. D. S. A.; CARRIJO, M. L. R. CURRICULARIZAÇÃO DA EXTENSÃO NA FORMAÇÃO MÉDICA: EXPERIÊNCIA DOCENTE NA PROMOÇÃO DA SAÚDE MENTAL. **Saúde & Conhecimento-Jornal de Medicina Univag**. v. 11, 2023

MACHADO, C. D. B.; WUO, A.; HEINZLE, M. Educação Médica no Brasil: uma Análise Histórica sobre a Formação Acadêmica e Pedagógica. **Revista Brasileira de Educação Médica**, v. 42, n. 4, p. 66–73, dez. 2018.

MAGALHÃES, J. A. S.; MARTA, S. N. Curricularização da Extensão: compromisso social e inovação acadêmica. In: SILVA, Antonio Wardison C.; FRANCO, Paulo Fernando Campbell.

(orgs.). **Curricularização da extensão**: compromisso social e inovação. Santos: Editora Universitária Leopoldianum, p. 32, 2020.

OLIVEIRA, C. V. N. C. DE; TOSTA, M. C. R.; FREITAS, R. R. Curricularização da extensão universitária: uma análise bibliométrica. **Brazilian Journal of Production Engineering**, v. 6, n. 2, p. 114–127, 25 jul. 2020.

OLIVEIRA, L. V. “Curricularização” da Extensão Universitária: prospecção de impactos para sua implementação no ensino superior brasileiro: La Curricularización de da Extensión Universitaria: prospección de impactos para su implementación en la educación superior brasileña. **Revista Cocar**, v. 18, n. 36, 3 fev. 2023.

PAULA, J. A. A Extensão Universitária: história, conceito e propostas. **Interfaces – Revista de Extensão**, UFMG, Belo Horizonte, n. 1, p. 5-23, 2013

PEREIRA, T. A biblioteca universitária no tripé ensino, pesquisa e extensão. **RevIU. Revista Informação & Universidade**, v. 2, n. 1, p. 1–14, 2020.

PEREIRA, N. F. F.; VITORINI, R. A. S. CURRICULARIZAÇÃO DA EXTENSÃO: DESAFIO DA EDUCAÇÃO SUPERIOR. **Interfaces - Revista de Extensão da UFMG**, [S. l.], v. 7, n. 1, 2019.

REIS, L. C. *et al.* CURRICULARIZAÇÃO DA EXTENSÃO EM CURSOS DA ÁREA DA SAÚDE: UMA REVISÃO INTEGRATIVA. **Jornal de Políticas Educacionais**, v. 16, n. 1, 30 jul. 2022.

RIBEIRO, M. R. F.; MENDES, F. F.; SILVA, E. A. Curricularização da extensão em prol de uma universidade socialmente referenciada. **Revista Conexão UEPG**, v. 14, n. 3, p. 334-342, 2018.

RIOS, D. R. DA S.; CAPUTO, M. C. Para Além da Formação Tradicional em Saúde: Experiência de Educação Popular em Saúde na Formação Médica. **Revista Brasileira de Educação Médica**, v. 43, n. 3, p. 184–195, jul. 2019.

ROZIN, Leandro; FORTE, Luiza Tatiana. Curricularização da extensão universitária em saúde: uma proposta com uso do diagnóstico comunitário. **Espaço para a Saúde**, v. 22, 2021

SANTANA, R. R. et al. Extensão Universitária como Prática Educativa na Promoção da Saúde. **Educação & Realidade**, v. 46, 9 jun. 2021.

SANTOS, B. DE S. A Universidade no Século XXI: Para uma Reforma Democrática e Emancipatória da Universidade. **Educação, Sociedade & Culturas**, n. 23, p. 137-202, 2005.

SILVA, D. J. R. *et al.* **Guia da Curricularização das Ações de Extensão dos Cursos de Graduação da UFPE. Pernambuco**. Editora UFPE, 2021.

SILVA, W. P. DA. EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA: **Revista Extensão & Sociedade**, v. 11, n. 2, 10 nov. 2020.

SIMÕES, A. L. DE A. *et al.* A humanização do atendimento no contexto atual de saúde: uma reflexão. **Reme: Revista Mineira de Enfermagem**, v. 11, n. 1, p. 81–85, 1 mar. 2007.

SOUZA, A. P. G. DE *et al.* Curricularização da Extensão Universitária: : promoção da saúde em uma comunidade quilombola em tempos de pandemia. **Revista Extensão**, v. 21, n. 1, p. 88–95, 19 jan. 2022.

SPATTI, A. C. *et al.* Curricularização da extensão universitária: como medir seus impactos? **Revista Tecnologia e Sociedade**, v. 19, n. 58, p. 265–289, 10 dez. 2023.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA (UFU). Conselho Universitário. **Resolução nº 25/2019, de 22 de novembro de 2019**. Estabelece a Política de Extensão da Universidade Federal de Uberlândia, e dá outras providências. Uberlândia: Conselho Universitário, 2019. Disponível em: <<http://www.reitoria.ufu.br/Resolucoes/resolucaoCONSUN-2019-25.pdf>>. Acesso em: 28 mai. 2023.

## 9. APÊNDICE

### 9.1 – A – Instrumento para coleta de dados aos Discentes

Sexo: ( ) Masculino ( ) Feminino

Idade: \_\_\_\_\_ anos

Período no curso de Medicina: 1º ( ) 2º ( ) 3º ( ) 4º ( )

**1 - Você sabe o que é extensão universitária?**

( ) Sim ( ) Não

**2 - Você sabe o que é a curricularização da extensão universitária?**

( ) Sim ( ) Não

**3 - São exemplos de extensões universitárias:**

**Ligas acadêmicas** ( ) Verdadeiro ( ) Falso

**Monitoria** ( ) Verdadeiro ( ) Falso

**Diretório Acadêmico** ( ) Verdadeiro ( ) Falso

**Representante de Turma** ( ) Verdadeiro ( ) Falso

**Bateria** ( ) Verdadeiro ( ) Falso

**Curso de Idiomas** ( ) Verdadeiro ( ) Falso

**Ações na comunidade** ( ) Verdadeiro ( ) Falso

**Atlética** ( ) Verdadeiro ( ) Falso

**PIBIC/ CPIBIC/ PIVIC** ( ) Verdadeiro ( ) Falso

**Estágio** ( ) Verdadeiro ( ) Falso

**4 - Você sabe a diferença entre atividade de extensão e atividade extracurricular?**

( ) Sim ( ) Não

**5 - Você participou da semana integrativa durante o curso de Medicina?**

( ) Sim ( ) Não

**6 - A Extensão na Educação Superior Brasileira é a atividade que se integra à matriz curricular e à organização da pesquisa, constituindo-se em processo interdisciplinar, político educacional, cultural, científico, tecnológico, que promove a interação transformadora entre as instituições de ensino superior e os outros setores da sociedade,**

**por meio da produção e da aplicação do conhecimento, em articulação permanente com o ensino e a pesquisa.**

**A partir deste conceito, você acredita que a semana integrativa do curso de Medicina da UniEVANGÉLICA atende aos requisitos acima?**

Concordo totalmente  Concordo  Neutro  Discordo  Discordo totalmente

**7 - Você teve a oportunidade de participar de alguma atividade prática durante a semana integrativa?**

Sim  Não

**8 - Você concorda que a semana integrativa é importante para a formação médica?**

Concordo totalmente  Concordo  Neutro  Discordo  Discordo totalmente

**9 - Você acredita que a semana integrativa pode ajudar a formar profissionais mais comprometidos com as demandas sociais e com a promoção do bem-estar coletivo?**

Concordo totalmente  Concordo  Neutro  Discordo  Discordo totalmente

**10 - Você acha que a semana integrativa pode ajudar a promover a integração entre a universidade e a sociedade?**

Concordo totalmente  Concordo  Neutro  Discordo  Discordo totalmente

**11 - A semana integrativa ajudou a ampliar a sua visão sobre a importância da extensão universitária na formação médica?**

Concordo totalmente  Concordo  Neutro  Discordo  Discordo totalmente

**12 - Você acredita que a semana integrativa ajudou a desenvolver habilidades de trabalho em equipe e de comunicação?**

Concordo totalmente  Concordo  Neutro  Discordo  Discordo totalmente

**13 - A Semana Integrativa ajudou a aumentar a sua motivação para participar de outras atividades de extensão durante o curso de Medicina?**

Concordo totalmente  Concordo  Neutro  Discordo  Discordo totalmente

**14 - Você acredita que a semana integrativa deveria ser obrigatória para todos os estudantes de Medicina?**

Concordo totalmente  Concordo  Neutro  Discordo  Discordo totalmente

**15 - Você concorda que a extensão universitária deve estar presente no currículo do curso de Medicina?**

Concordo totalmente  Concordo  Neutro  Discordo  Discordo totalmente

**16 - Você identificou alguma dificuldade no processo de execução da Semana Integrativa do curso de Medicina?**

Concordo totalmente  Concordo  Neutro  Discordo  Discordo totalmente

**9.2 – B – Instrumento para coleta de dados aos Docentes****Sexo:** ( ) Masculino ( ) Feminino**Idade:** \_\_\_\_\_ anos**Formação Acadêmica em:** \_\_\_\_\_**Nível de Formação Acadêmica :** \_\_\_\_\_**Anos de docência no curso de Medicina da UniEVANGÉLICA:** \_\_\_\_\_**Anos de Experiência em Docência/Preceptoria:** \_\_\_\_\_**1 - Você sabe o que é extensão universitária?**

( ) Sim ( ) Não

**2 - Você sabe o que é a curricularização da extensão universitária?**

( ) Sim ( ) Não

**3 - São exemplos de extensões universitárias:****Ligas acadêmicas** ( ) Verdadeiro ( ) Falso**Monitoria** ( ) Verdadeiro ( ) Falso**Diretório Acadêmico** ( ) Verdadeiro ( ) Falso**Representante de Turma** ( ) Verdadeiro ( ) Falso**Bateria** ( ) Verdadeiro ( ) Falso**Curso de Idiomas** ( ) Verdadeiro ( ) Falso**Ações na comunidade** ( ) Verdadeiro ( ) Falso**Atlética** ( ) Verdadeiro ( ) Falso**PIBIC/ CPIBIC/ PIVIC** ( ) Verdadeiro ( ) Falso**Estágio** ( ) Verdadeiro ( ) Falso**4 - Você sabe a diferença entre atividade de extensão e atividade extracurricular?**

( ) Sim ( ) Não

**5 - A Extensão na Educação Superior Brasileira é a atividade que se integra à matriz curricular e à organização da pesquisa, constituindo-se em processo interdisciplinar, político educacional, cultural, científico, tecnológico, que promove a interação transformadora entre as instituições de ensino superior e os outros setores da sociedade,**

**por meio da produção e da aplicação do conhecimento, em articulação permanente com o ensino e a pesquisa.**

**A partir deste conceito, você acredita que a semana integrativa do curso de Medicina da UniEVANGÉLICA atende aos requisitos acima?**

Concordo totalmente  Concordo  Neutro  Discordo  Discordo totalmente

**6 - Você já participou de atividades de extensão durante a sua formação acadêmica ou como docente?**

Sim  Não

**7 - Você já orientou e/ou coordenou projetos de extensão no curso de Medicina?**

Sim  Não

**8 - Você acredita que a participação dos docentes em atividades de extensão pode contribuir para a formação dos estudantes de Medicina?**

Concordo totalmente  Concordo  Neutro  Discordo  Discordo totalmente

**9 - Você já incentivou seus alunos a participarem de atividades de extensão universitária?**

Concordo totalmente  Concordo  Neutro  Discordo  Discordo totalmente

**10 - Você acredita que a extensão universitária pode ser uma forma eficaz de aproximar o curso de Medicina da realidade social e das demandas dos serviços de saúde?**

Concordo totalmente  Concordo  Neutro  Discordo  Discordo totalmente

**11 - Você acha que a curricularização da extensão no curso de Medicina pode tornar a formação mais abrangente e humanística?**

Concordo totalmente  Concordo  Neutro  Discordo  Discordo totalmente

**12 - Você já participou de atividades da Semana Integrativa como docente do curso de Medicina?**

Sim  Não

**13 - Você acredita que a extensão universitária deve ser incluída no currículo do curso de Medicina?**

Concordo totalmente  Concordo  Neutro  Discordo  Discordo totalmente

**14 - Você já participou da organização de atividades de extensão universitária como docente do curso de Medicina?**

Concordo totalmente  Concordo  Neutro  Discordo  Discordo totalmente

**15 - Você acredita que a extensão universitária pode contribuir para a formação de médicos mais comprometidos com as demandas sociais e a promoção do bem-estar coletivo?**

Concordo totalmente  Concordo  Neutro  Discordo  Discordo totalmente

**16 - Você acha que as atividades de extensão universitária devem ser desenvolvidas em parceria com as comunidades e serviços de saúde?**

Concordo totalmente  Concordo  Neutro  Discordo  Discordo totalmente

**17 - Você já avaliou os resultados da participação dos estudantes em atividades de extensão universitária em relação à sua formação acadêmica e profissional?**

Sim  Não

**18 - Você acredita que existem alternativas melhores do que a semana integrativa para a implementação da extensão universitária no curso de Medicina?**

Concordo totalmente  Concordo  Neutro  Discordo  Discordo totalmente

**19 - Você acredita que outros tipos de atividades de extensão universitária poderiam ser adicionadas ao currículo do curso de Medicina, além da semana integrativa?**

Concordo totalmente  Concordo  Neutro  Discordo  Discordo totalmente

**20 - Você identificou alguma dificuldade no processo de implementação da semana integrativa do curso de Medicina?**

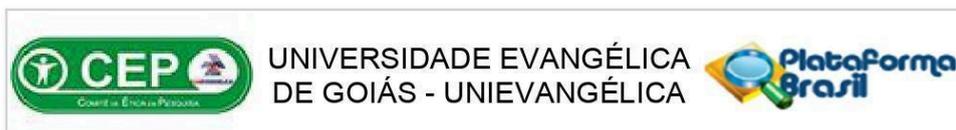
Concordo totalmente  Concordo  Neutro  Discordo  Discordo totalmente

**21 - Você identificou alguma dificuldade no processo de execução da Semana Integrativa do curso de Medicina?**

Concordo totalmente  Concordo  Neutro  Discordo  Discordo totalmente

## 10. ANEXO

### 10.1 – A – Parecer favorável do CEP



#### PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

##### DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

**Título da Pesquisa:** A IMPLEMENTAÇÃO DA CURRICULARIZAÇÃO DA EXTENSÃO EM CURSO DE MEDICINA EM UNIVERSIDADE DO ESTADO DE GOIÁS

**Pesquisador:** Hígor Chagas Cardoso

**Área Temática:**

**Versão:** 2

**CAAE:** 75469023.7.0000.5076

**Instituição Proponente:** ASSOCIAÇÃO EDUCATIVA EVANGÉLICA

**Patrocinador Principal:** Financiamento Próprio

##### DADOS DO PARECER

**Número do Parecer:** 6.588.121

##### Apresentação do Projeto:

Em conformidade do número do parecer: 6.549.824

##### Objetivo da Pesquisa:

Objetivo geral

Avaliar a implementação de ações integrativas no curso de medicina de uma universidade particular do estado de Goiás.

##### Objetivos específicos

Relatar as ações integrativas desenvolvidas no curso de medicina da UniEVANGÉLICA.

Avaliar a percepção dos acadêmicos e dos docentes do curso de medicina da UniEVANGÉLICA quanto à implementação da extensão no currículo acadêmico.

##### Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Em conformidade do número do parecer: 6.549.824

##### Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Trata-se de um Projeto de Pesquisa do curso de medicina da UniEVANGÉLICA. Projeto terá como orientador o Professor Dr. Hígor Chagas Cardoso, será desenvolvido pelos discentes Anna Carollina Barbosa Gomes, Geovana Machado Silva, Mariana de Oliveira Caixeta, Rafael Lugli Mantovani Perini e Ruy Abdalla Soares e buscará investigar a implementação da curricularização da

**Endereço:** Av. Universitária, Km 3,5

**Bairro:** Cidade Universitária

**CEP:** 75.083-515

**UF:** GO

**Município:** ANAPOLIS

**Telefone:** (62)3310-6736

**Fax:** (62)3310-6636

**E-mail:** cep@unievangelica.edu.br



Continuação do Parecer: 6.588.121

extensão no curso de medicina da UniEVANGÉLICA.

**Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:**

De acordo com as recomendações previstas pela RESOLUÇÃO CNS No 466/2012 e demais complementares o protocolo permitiu a realização da análise ética. Todos os documentos listados abaixo foram analisados.

**Recomendações:**

Nãos e aplica.

**Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:**

Lista de pendências

QUANTO PROJETO DETALHADO/BROCHURA INVESTIGADOR (Projeto\_IC14\_TurmaXXV.docx de 03/11/2023)

PENDÊNCIA 01: No resumo é apresentada a informação de que envolvidos na pesquisa os estudantes do 1o ao 4o períodos do curso de medicina da UniEVANGÉLICA. Já na metodologia, mais especificamente na "População e amostra do estudo", é apresentada a informação de que o estudo será realizado com discentes matriculados do 2º ao 5º períodos. Neste mesmo parágrafo é apresentada também a informação de que os alunos do 1º período participarão da semana integrativa. Nos critérios de inclusão é apresentada novamente a informação de que os alunos do 1o ao 4o períodos do curso serão envolvidos na pesquisa. Os pesquisadores deverá esclarecer qual será o público alvo do estudo. ANÁLISE: Todos os trechos do documento que abordam o público-alvo do estudo foram revisados com a finalidade de esclarecer que a pesquisa será realizada com discentes matriculados do 2º ao 5º períodos do curso de Medicina da UniEVANGÉLICA. - Resumo: páginas 4 e 5. - População e amostra de estudo: página 20. - Critérios de inclusão: página 21. PENDÊNCIA ATENDIDA.

PENDÊNCIA 02: No resumo é apresentada a informação de existe a estimativa da participação de 269 sujeitos na pesquisa. Já na metodologia, mais especificamente na "População e amostra do estudo", é apresentada a informação de que o estudo será realizado com 411 participantes. A informação sobre o envolvimento de 411 participantes também é apresentada na Folha de Rosto. Os pesquisadores deverá esclarecer qual será o tamanho da amostra a ser envolvida na pesquisa. ANÁLISE: Todos os trechos do documento que abordam o tamanho da amostra foram revisados com a finalidade de esclarecer que a pesquisa estima o envolvimento de 411 participantes. -

**Endereço:** Av. Universitária, Km 3,5  
**Bairro:** Cidade Universitária **CEP:** 75.083-515  
**UF:** GO **Município:** ANAPOLIS  
**Telefone:** (62)3310-6736 **Fax:** (62)3310-6636 **E-mail:** cep@unievangelica.edu.br



Continuação do Parecer: 6.588.121

Resumo: páginas 4 e 5. - População e amostra de estudo: página 20. PENDÊNCIA ATENDIDA.

QUANTO AO TCLE / TERMOS DE ASSENTIMENTO / JUSTIFICATIVA DE AUSÊNCIA (TCLE.pdf de 03/11/2023)

PENDÊNCIA 1: O título do projeto apresentado difere do título apresentado nos demais documentos encaminhados. ANÁLISE: Verificou-se que o título do projeto constante do TCLE estava em desconformidade com o constante do documento principal. Por isso, uma alteração foi feita no TCLE e uma nova versão dele foi submetida pela plataforma. PENDÊNCIA ATENDIDA.

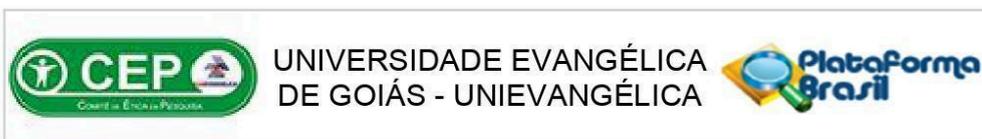
**Considerações Finais a critério do CEP:**

Solicitamos ao pesquisador responsável o envio do RELATÓRIO FINAL a este CEP, via Plataforma Brasil, conforme cronograma de execução apresentado.

**Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:**

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_2191781.pdf	15/12/2023 17:16:03		Aceito
Outros	Carta_de_atendimento_as_pendencias.pdf	15/12/2023 17:15:19	RUY ABDALLA SOARES	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE.pdf	15/12/2023 17:13:22	RUY ABDALLA SOARES	Aceito
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_2191781.pdf	15/12/2023 16:22:31		Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Projeto_IC14_TurmaXXV.docx	15/12/2023 16:22:11	RUY ABDALLA SOARES	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Projeto_IC14_TurmaXXV.docx	15/12/2023 16:22:11	RUY ABDALLA SOARES	Postado
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE.pdf	03/11/2023 15:35:02	RUY ABDALLA SOARES	Aceito
Solicitação Assinada pelo Pesquisador Responsável	Termo_de_Compromisso_Orientador.pdf	03/11/2023 15:32:59	RUY ABDALLA SOARES	Aceito

Endereço: Av. Universitária, Km 3,5  
 Bairro: Cidade Universitária CEP: 75.083-515  
 UF: GO Município: ANAPOLIS  
 Telefone: (62)3310-6736 Fax: (62)3310-6636 E-mail: cep@unievangelica.edu.br



Continuação do Parecer: 6.588.121

Declaração de Pesquisadores	Termo_de_compromisso_da_equipe_de_pesquisadores.pdf	03/11/2023 15:32:38	RUY ABDALLA SOARES	Aceito
Declaração de concordância	Termo_de_Anuencia.pdf	03/11/2023 15:31:48	RUY ABDALLA SOARES	Aceito
Folha de Rosto	Folha_de_rosto.pdf	29/10/2023 16:35:32	RUY ABDALLA SOARES	Aceito

**Situação do Parecer:**

Aprovado

**Necessita Apreciação da CONEP:**

Não

ANAPOLIS, 18 de Dezembro de 2023

---

**Assinado por:**  
**Constanza Thaise Xavier Silva**  
**(Coordenador(a))**

**Endereço:** Av. Universitária, Km 3,5  
**Bairro:** Cidade Universitária **CEP:** 75.083-515  
**UF:** GO **Município:** ANAPOLIS  
**Telefone:** (62)3310-6736 **Fax:** (62)3310-6636 **E-mail:** cep@unievangelica.edu.br